

Suplemento Cultural

Encontro com Manoel de Barros

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Os anos 1960, nublados em diversos aspectos, revelaram-se para mim ricos de descobertas enriquecedoras do ponto de vista profissional.

Foi a década dos festivais de música e teatro, das semanas culturais na Faculdade Dom Aquino de Filosofia Ciências e Letras da FUCMAT, onde lecionei língua e literaturas de língua portuguesa para jovens, que se tornaram grandes amigos e parceiros de futuros trabalhos.

Ensinar era para mim o palco de sucessivas aventuras, as quais se desdobraram em lembranças, que conservo até hoje como relíquias guardadas com o carinho dedicado a joias que rebrilham com o correr dos anos.

Uma das mais queridas foi conhecer o poeta Manoel de Barros, a quem fui apresentada na casa de Carolina Leite de Barros, sua cunhada, que me sugeriu chamá-lo para participar de um encontro com os alunos do Curso de Letras, convite que o poeta com o jeito modesto e a fala mansa, que o caracte-

“

Com ‘Poesias’, de Manoel de Barros, abriram-se para mim as portas de um universo misterioso, em que sons e imagens me invadiam como se me encontrasse aspirando as belezas recém-criadas no começo do mundo.”

terizam, educadamente recusou.

Alguns anos depois, ao entrevistá-lo para o livro *Memória da Arte em MS*, foi logo dizendo-me que, como Clarice Lispector, “de-



Manoel de Barros – o poeta que voa “fora das asas”.

testava conversar com máquinas”.

Assim, durante 15 dias, registrei à mão o longo depoimento de Manoel. Lembro-me que, em outra ocasião, conversamos longamente sobre as virtudes do conto “Cara de Bronze”, de Guimarães Rosa, que ele julgava ser uma das mais perfeitas obras do grande mineiro, seu amigo, com quem já se encontrara no Pantanal.

Antes de nos despedirmos, ofereceu-me seu livro “Poesias” com carinho dedicada. O presente deu margem ao meu primeiro mergulho

no mundo de sua poesia, ainda pouco conhecida na época, apesar dos prêmios conquistados. Abriam-se para mim as portas de um universo misterioso, em que sons e imagens me invadiam como se me encontrasse aspirando as belezas recém-criadas no começo do mundo.

Penso que isso acontece a quem possui o talento de transformar cada palavra em símbolo de eternidade, coisa rara em nosso planeta.

A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, dando nova ênfase aos chás, realizados na última quinta-feira de cada mês, em parceria com a Associação Campo-Grandense de Professores, determinou que a literatura brasileira seria a nota dominante das palestras.

Nesta próxima quinta-feira, dia 24 de abril, a Profa. Maria Adélia

Menegazzo vai discorrer sobre o tema “Manoel de Barros e o sentimento lírico”.

É uma grande oportunidade, agora que toda a obra do poeta vai ser reeditada, ouvir o que vai nos contar dos segredos poéticos de Manoel de Barros, uma escritora que já publicou inúmeros trabalhos sobre o grande autor sul-mato-grossense, inclusive no livro “Alquimia do verbo e das tintas nas poéticas de vanguarda”, premiado em nível regional e nacional pelo Instituto Nacional do Livro.

Recentemente, Manoel de Barros recebeu o título de “Acadêmico Emérito” da Academia Sul-Mato-grossense de Letras, fato que engrandece nossa instituição.

Manoel de Barros escreve para divertir-se e quando isso acontece o mundo fica mais alegre.

Com certeza o sentimento lírico desse grande criador de palavras vai invadir o auditório da ACP nesta quinta-feira, 24, quando se tecerão louvores aos encantos de uma poesia que enobrecerá MS.

Flamas e Veleiros: a Poesia de Rubenio Marcelo

RAQUEL NAVEIRA

Barcos, veleiros singrando mares e espumas, carregando dentro de si a alma e a mente do poeta, sua transcendência, sua fixidez numa estrela. Veleiros da Essência é a imagem que Rubenio Marcelo escolheu para título do seu novo livro (que será lançado na próxima noite de 29 de abril, no auditório do CREA-MS) e do poema de abertura: é a metáfora da viagem, do deslocamento, da ordem de comando que força a navegar, pois “navegar é preciso, viver não é preciso”. Esses veleiros vêm de horizontes nunca vistos/ e trazem à proa/ o mapa das messes inabitais/ num tempo infinito/ de invictas bandeiras...

Assim como Fernando Pessoa é “guardador de rebanhos” e Manoel de Barros, “guardador de águas”, Rubenio Marcelo é “desguardador de dores”, espantando os males com a “contemplação do segredo das auro-

ras” e com “sabiás de voos dourados”. Dribla o cotidiano com “colibris do sonho”. Ele é também o “contemplador de silêncios”, aquele que encontra paz para sua dor na ausência do desejo, no autodomínio de poeta que, dessa forma, domina o leitor.

O poeta é um ser assombrado, perplexo com a realidade, mas busca apoiar-se na lógica, quando afirma que *a árvore má/ não frutifica/ nem sombra dá/ e não assombra a ação do bem*. O bem é coragem, atitude, gesto. O bem é criar uma poesia generosa que “dá bons frutos” e “boa sombra”. Uma poesia solidária.

Ora Rubenio Marcelo é clássico, ora é experimentalista como no poema “Em falso”, em que joga na página com a palavra “cadafalso”; ou em “Entes e Mentes”, em que trabalha expressões como “plena mente” e “ara a mente”. Vai construindo sua *Poesias*, sendo “floema-avator” e semente. Prova que é necessário

conhecer o idioma até mesmo para subvertê-lo, pois a linguagem é um mistério. Busca as raízes, os matizes, a língua de fogo “que lança palavras ardentes”.

“O poeta é um insubmisso e o mais são nuvens”, disse Carlos Drummond de Andrade. A rebeldia irrompe no poema que trata da “Geração Antiflogistina”. Uma geração (a nossa) marcada pelos mais diversos interesses e influências: bossa, blues, Beatles, rock and roll, Alighieri, Raulzito, Freud, Dante, Floyd e Tina. Somos, ao mesmo tempo, “jovens-velhos-moços”.

Rubenio Marcelo crê na poesia como documento da existência de determinado povo em certo lugar e período histórico. É fiel porta-voz da terra onde vive (e da qual é cidadão honorário): o Mato Grosso do Sul. Faz um passeio noturno pelas luzes de Campo Grande: anda pelo Parque das Nações Indígenas e pelo Belmar Fidalgo interagindo com a *Natureza*; vai para Co-

rumbá ver o Rio Paraguai entre *aves e camalotes*; reverencia a *paisagem de beleza* da Av. Afonso Pena. Contextualiza seu cenário de vida e é absorvido por ele.

O poeta é mesmo mago, Prometeu, alguém que carregou o fogo. A Poesia de Rubenio Marcelo é lâmpada, é luzeiro, é quente, como ele declara: *Não é fogo de palha é fogo imenso/ O fogo que azuliza a poesia*.

É preciso caminhar levando a tocha, a chama, a flama, o fogo peneira da poesia. É mister permanecer enlevado, como numa visão apocalíptica: *“naquela manhã de final de estio/ me peguei mirando a flama convidativa/ das pontes inexploradas/ havia clarins sedentos de sonhos...”*

Miremos com Rubenio Marcelo a imortal flama da poesia e o desfraldar das esperadas velas brancas de seus *Veleiros da Essência*.

MUNDO RENOVADO

MANOEL DE BARROS

No pantanal ninguém pode passar régua. Sobremuito quando chove. A régua é existência de limite. E o pantanal não tem limites.

Nos pátios amanhecidos de chuva, sobre excrementos meio derretidos, a surpresa dos cogumelos! Na beira dos ranchos, nos canteiros da horta, no meio das árvores do pomar, seus branquíssimos corpos sem raízes se multiplicam.

O mundo foi renovado, durante a noite, com as chuvas. Sai o garoto pelo piquete com olho de descobrir. Choveu tanto que há ruas de água. Sem placas sem nome sem esquinas.

Incrível a alegria do capim. E a bagunça dos periquitos! Há um referver de insetos por baixo da casa úmida das mangueiras.

Alegria é de manhã ter chovido de noite! As chuvas encharcaram tudo. Os bagoarís e os caramujos tortos. Lagartos espreciam com olhos de paina. Borboletas desovadas melam. Biguás

engolem bagres perplexos. Espinheiros emaranhados guardam por baixo filhotes de pato. Os bulbos das lixeiras estão ensanguentados. E os ventos se vão apodrecer!

Até as pessoas sem eira nem vaca se alegram. E as éguas irrompem no cio os limites do pátio. Um cheiro de aritum maduro penetra as crianças. Fugiram dos buracos cheios de água os ofídios lisos. E entraram debaixo dos fogões de lenha. Os meninos descobrem de mudanças formigas carregadeiras. Cupins constroem seus túneis. E há os bentevis-cartolas nos pirizeiros de asas abertas.

Um pouco do pasto ficou dentro dáqua. Lá longe, em cima da piúva, o ninho do tuiuíú, ensopado. Aquela ninho fotogênico cheio de filhotes com frio!

A pelagem do gado ETA limpa. A alma do fazendeiro está limpa. O roceiro está alegre na roça, porque sua planta está salva. Pequenos caracóis pregam saliva nas roseiras. É a primavera imatura das araras sobrevoa nossas cabeças com sua voz rachada de verde.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

POETA CONSAGRADO É TEMA DE PALESTRA NO PRÓXIMO “CHÁ” DA ACADEMIA - Nesta quinta-feira vindoura, dia 24 de abril, a acadêmica Profa. Maria Adélia Menegazzo vai discorrer sobre o tema “Manoel de Barros e o sentimento

lírico”, em continuidade à série de palestras literárias sobre escritores nacionais, por ocasião dos nossos “chás acadêmicos” mensais. Com início às 19 horas, o evento acontecerá no Auditório da ACP - Rua 07 de Setembro, sob esquina com a Rua Rui Barbosa. Todos serão bem-vindos.

Uma Cabeça na bandeja como a de João Batista

ABÍLIO LEITE DE BARROS

Acordei pensando no Sr. José, coitado. Esse adjetivo o acompanha como a sombra, incorporou-se à sua pessoa, acho que já passou a ser nome, substantivo próprio: José Coitado. Como se deduz com facilidade, trata-se de um produtor rural. Homem simples, trabalhador, honesto, viveu sempre na sua propriedade, que já foi maior, mas que anda em torno de 400 hectares, terra boa.

Conheço sua história: derrubou aquele cerrado, ele mesmo, quando ainda tinha forças, quase sem auxiliares, pouco a pouco, anos a fio. Plantava arroz, depois pasto. O arroz, às vezes, dava sobras com que aumentava o seu gado de leite, passando depois a recriar bezerras para corte. Assim viveu e criou seus filhos, hoje com ele no trabalho.

Faz alguns anos, o Sr. José resolveu dar um passo mais largo, fazer afinal agricultura em maior escala e com tecnologia. Foi ao Banco do Brasil que gentilmente lhe cedeu o dinheiro necessário para máquinas e custeio. O Sr. José, coitado, sentiu-se por algum tempo um homem progressista com que passou a ter orgulho do que fazia e maior orgulho ainda do país em que vivia.

O desfecho dessa história é muito conhecido, o mesmo de centenas de produtores. O Sr. José, coitado, havia assinado o seu contrato com o Banco sem dar muita importância àquela

cláusula de letras miúdas prevendo correção monetária de débito. Então, entre safras mal colhidas e outras mal vendidas, de repente o Sr. José, coitado, descobriu que a dívida estava quatro vezes maior e o gentil gerente anunciou que deveria executá-lo judicialmente. Envergonhado, vendeu imediatamente as máquinas, uma casinha na cidade onde sonhava passar a velhice e quase a metade de suas terras, a melhor parte. Voltou à ladeira e seu mingado gadinho.

Ontem, o Sr. José, coitado, me procurou para ajudá-lo na declaração do seu imposto territorial rural. Nervoso, mostrou-me a revista *Veja* que, em página dupla, como um trunfo da luta pelo social, estampava a ameaça de confisco das terras improdutivas por progressão tributária. Ameaça ao Sr. José, coitado. Examinei seus documentos, ocupação da área, etc. - não havia dúvidas, o meu amigo era dono de uma propriedade improdutiva para os efeitos da lei.

Aturdido, algumas ideias me passaram pela cabeça; a primeira é que eu não sabia fazer a declaração do Sr. José, coitado. A lei fala em punir a propriedade tida para especulação. Ora, o meu amigo nem sabe o que é isso, donde deduzo que é estupidamente injusta a taxa que lhe tomará a propriedade. E daí? Daí nada, apenas a sensação muito incômoda de que começo a ter vergonha de viver neste país.

POESIAS

ABRIGO

*Apenas quero que me deixes
[em tua tenda branca]
clarear a visão
para levar o graveto caído
do bico do pássaro
ao ninho do destino.*

*quero apenas
saciar o cio da minha sede
no filete indiferente
que azuliza a fonte
e revela o refúgio seguro das
pedras...*

*apenas quero que me olhes
com retinas em partituras de
pardais
para que eu me redima
dos passos escassos de horizontes...*

*quero apenas que me acolhas
que recolhas
as partilhas e contestações
e que me tenhas em tuas senhas...*

*apenas
a chama da intuição
- a despreensão
de suscitar o fascínio
e o autossacrifício do silêncio*

*apenas sentir-te sem finitudes
e encontrar-me...
apenas quero o sol do teu abrigo,
poema meu!*

RUBENIO MARCELO

ONTEM E HOJE

*Nos áureos tempos, fui, na mocidade,
A lava incandescente de um vulcão.
Eu arrasei com fúria e intensidade
Sonhos gentis de muito coração.*

*Mas caem os castelos dessa idade,
Extingue-se a fogueira da paixão,
Tudo se esvai na atroz velocidade,
Do antigo fogo, só recordação.*

*Eu já fui, outrora, vento e tempestade,
Agora, adormeci, sou solidão.
Olhando para trás, vejo a saudade
Para as lembranças estendendo a
mão.*

*Neste silêncio quieto, sossegado,
Envolto nas vivências do passado,
O coração da gente é paz e amor.*

*Já foi revolução, foi movimento,
E teve dias, sim, de atrevimento,
Agora é suavidade, é uma flor.*

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR